



LUXO E LIXO

As vezes, dizes: "Trabalho
É carroção que não puxo."
E avanças devagarinho
Para a gaiola do luxo.
Lá dentro, acabas suando,
Qual estudante no espicho,
Aprendendo, muito tarde,
Que o ócio é cama de lixo.

Entornas grandes promessas
Em fala, sonho, debuxo,
No entanto, buscas, primeiro,
Conforto, destaque, luxo...

Consumes a força e o tempo
Em sono, prato, cochicho,
E, um dia, clamor de balde
No escuro montão do lixo.

Anseias dinheiro a rodo,
Cheque e cheque em papeluchos,
Regalo de toda espécie,
Caminho talhado em luxo...
Mas, depois de tanto fausto,
Tanto enfeite, tanto nicho,
Mergulhos além da morte
Na grande maré do lixo.

Não conserves a existência
Por tesouro no cartucho.
Muita gente afunda e morre
No antigo atascal do luxo.
O bem de todos é a lei
Que a vida guarda a capricho.
Repara que todo excesso
Vem do luxo e cai no lixo.

(*) Formou-se, em 1918, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Catedrático de latim no então Ginásio da Bahia. Na revista *A Luva*, criou uma seção de versos humorísticos intitulada «A Bandurra de Ferro»,

assinando-a com o pseudônimo **Erasmo Júnior**, geralmente usado em suas produções poéticas, segundo informa Aloysio de Carvalho Filho (*Coleção Poet. Bahianos*, pág. 161). Pertenceu à Academia de Letras da Bahia, tendo ocupado a cadeira nº 19. (Salvador, Bahia, 24 de Fevereiro de 1896 — Salvador, 9 de Agosto de 1943.)